

19. O espaço aberto da esperança

“Nós te enviamos um jovem recatado e, como dizem, já instruído para sua idade. Tudo o mais está na esperança.” (São Bernardo, Carta 537).

Este bilhete de apresentação que São Bernardo manda ao Papa Eugênio III nos revela o segredo para que qualquer relacionamento seja verdadeiramente paternal ou maternal, ou seja, capaz de gerar plenitude de vida nos outros.

São Bernardo é um santo pai que escreve a um outro santo pai, Eugênio III. Entre eles está um jovem que tem, como todo jovem, algum germe de boa virtude humana, seja por natureza que pela formação já recebida na família ou em outro lugar. É um rapaz cheio de recato, talvez no sentido de tímido, um pouco envergonhado, que não ousa se apresentar sozinho ao Papa, e isso é compreensível. Não parece que tivesse as qualidades necessárias para ser um cavaleiro aguerrido ou uma liderança. Mas sua instrução acima do normal mostra que ele era um rapaz estudioso, que deve ter passado mais tempo a ler e meditar do que a jogar ou competir com os jovens da sua idade. São Bernardo não o conhece bem diretamente: talvez ele o tenha conhecido quando alguém o apresentou e o recomendou para que ele pudesse ir a Roma e se colocar sob a proteção ou ao serviço do Papa. Tudo isso pode ser deduzido do pouco que Bernardo diz sobre ele. Mas o grande coração de Bernardo no olhar para as pessoas lhe fez entrever mais do que viu e escutou. Ele viu que, nesse rapaz, Deus pode fazer muito mais do que aquilo que se vê, do que aquilo que é, do que aquilo que ele sabe. Ele viu que de Deus se pode esperar muito a seu respeito. E assim, Bernardo como que transmite esse rapaz da sua esperança para a esperança de Eugênio III, ou seja, do seu relacionamento com Deus, da sua oração e caridade, para o relacionamento com Deus, para a oração e a caridade do Papa.

Também no quadro “Primeiros passos”, de van Gogh, se poderia ler o pensamento de São Bernardo entre a mãe e o pai da criança, como se a mãe dissesse ao pai: “Envio-te nosso bebê, um pouco receoso de cair, mas sei que suas perninhas já são capazes de dar os primeiros passos e, sobretudo, ele te ama muito, o seu papai. Tudo o mais é uma nossa comum esperança de que ele caminhe, de que corra no caminho da vida”.

Que imensa necessidade desse olhar existe no mundo de hoje, especialmente para os jovens! É uma necessidade de uma paternidade e de uma maternidade que não se fecham em si mesmas, mas que deixam ao jovem um horizonte infinito para viver plenamente, para crescer, para avançar em direção a Deus. Esse espaço é uma caridade cheia de esperança que já habita no coração do pai, da mãe, e que eles transmitem com a confiança com que contam com a obra de Deus. São Bernardo poderia ter conservado esse jovem para si mesmo, ter dito a ele que ficasse em Clairvaux, que se tornasse um monge, que não fosse para Roma estudar para se tornar talvez um padre diocesano ou... monsenhor da cúria. São Bernardo respeita o espaço que Deus reserva para esse jovem, o espaço de vida e de caminho misterioso que existe entre esse jovem e Cristo, que o chama a segui-lo. Ou seja, respeita o espaço da esperança de Deus nele.

Escrevendo a Eugênio III que “tudo o mais está na esperança”, é como se os dois pastores se unissem para acolher esse jovem na profundidade de seu relacionamento com Deus, de sua esperança em Deus e, portanto, em sua oração. Bernardo sabe que no coração do Papa esse jovem pode encontrar acolhida, não apenas ou não tanto material e logística, como quando se recebe uma bolsa de estudos, mas a acolhida na esperança de Eugênio III. E essa é uma grande caridade. Ama-se verdadeiramente alguém quando se acolhe essa pessoa no espaço de esperança que permite que Deus preencha de graça os seus limites. De fato, qual é o “mais” que falta sempre a cada um de nós e que podemos esperar só de Deus? A graça, o dom do Espírito.

Olhar com esperança para um jovem, e para cada pessoa que encontramos, e sobretudo para as pessoas com quem vivemos, significa deixar sempre aberto o horizonte à graça de Deus, àquilo que Deus pode ainda e sempre operar nessa pessoa, e também em nosso relacionamento com ela.

Nada é mais triste do que pensar que para a outra pessoa não haja mais esperança, que não haja nada mais além pelo que esperar para ela, mesmo que agora não o vejamos. Às vezes, esse olhar se faz ausente no olhar entre dois cônjuges ou entre os membros de uma comunidade.

Quando nos damos conta disso, é bom então perceber que aquilo que está faltando no relacionamento com aquela pessoa é, acima de tudo, nossa esperança, nossa esperança em Deus. Então, é importante recomeçar a pedir ao Senhor o dom da esperança que dilate nosso coração e nosso olhar sobre nosso próximo.

Isso é importante também para não vivermos uma paciência triste e estéril em relação a nós mesmos e aos outros, em relação aos nossos próprios defeitos e aos dos outros, uma paciência que se resigna às limitações sem esperar nada mais para nós ou para os outros. Essa paciência resignada não é caridade e, sobretudo, é vivida sem fé no Senhor, de cujo amor podemos sempre esperar tudo para nós e para todos, “esperando, contra toda a esperança”, como Abraão (Rm 4, 18).